

# UMA IDÉIA COMO QUALQUER OUTRA

VENHO ao Brasil cumprir tristes deveres, e encontro um Rio de primavera brumosa e fria. Não sei o que me dá a impressão de que a cidade envelhece — devem ser essas nódoas negras nos edifícios, que dá aos construídos há menos de 20 anos uma senectude precoce e indigna. Há algo de maligno na agitação de Copacabana, tudo está em obras ou meio estragado, as calçadas falhas junto aos tabiques de lentas construções, a eterna emergência barulhenta e suja das feiras livres — e a gente do povo é cada dia mais numerosa e desamparada nas esquinas, tem um ar pateticamente impotente diante dos veículos cheios que correm demais e se fecham e se insultam numa pressa insensata. O que há é que não há um ritmo calculado e sadio como em outras cidades — a mulher atravessa a rua assustada, correndo, e se posta em uma fila imóvel e interminável e eterna para comprar dois quilos de açúcar. Não há apenas miséria, há uma feroz desarrumação de que ninguém parece ter culpa e que certamente enriquece demasiado alguns — há um imenso desconforto que é tanto material como moral, como se todos fizessem um grande sacrifício crônico sem finalidade alguma.

Aqui e ali, junto à banca de jornal ou ao balcão do cafêzinho, ouço palavras de revolta, sujeitos que propõem paredão para os usineiros ou para os açambarcadores do arroz e do feijão — mas a verdade é que a fila imensa que da janela de meu hotel vejo na Praça Serzedelo Correia é, ao longo de suas curvas caprichosas e inverossímeis, como uma caricatura de Borjalo, silenciosa e pacata. Dá von-

tade de pensar que a fila é pior que uma necessidade, é um hábito, um sistema masoquista de convivência social — então por que não organizar entretenimentos para as pessoas que ficam na fila, programas de música popular e humorismo, propaganda da Caixa Econômica, jogos de prendas, aulas de ginástica, sessões de hipnotismo recreativo em que hábeis charlatães fariam as pessoas se sentirem fartas de açúcar e de feijão preto?

Sim, talvez só o hipnotismo resolva. Façam-me de uma antiga amiga que vive hoje com um homem que a hipnotiza habitualmente; basta que ele pronuncie uma certa palavra para que ela caia em transe e fique dócil a todas as suas sugestões — cantarole sambas alegremente, sinta calor ou frio, experimente um imenso bem-estar. É um pouco humilhante para ela (para ele também) mas como afinal os dois vivem bem por que não harmonizar assim os poderosos e o povo? Como seria muito trabalhoso hipnotizar todo o povo hipnotizaríamos os atacadistas da Rua Acre e os proprietários dos supermercados e faríamos com que eles sentissem uma alegria extraordinária em vender pelo preço mais baixo possível. O mesmo poderíamos fazer com industriais e banqueiros, grandes proprietários rurais e chefes militares e paisanos, e nêles infundiríamos um incondicional carinho pelo povo, uma felicidade imensa em fazer o bem.

Ora, direis, estas são vãs desconversas e idéias estapafúrdias e inúteis. Mas não tenho outras melhores e, pelo visto, vocês todos que vivem aqui no Brasil também não.